



*Campa dos Mouros*, Monte Fralães, Barcelos. © Fotografia do autor.

## RESUMO

### ABSTRACT

*Interactions between meaning and image in sacred space of Antiquity. Temenos – pomoerium – sanctuarium and its relation with funeral scenes. The image of rectangular tanks excavated in rupestrial context: sepulchres or ritual tanks of sacrifice, purification and initiation? Images of this reality in Portuguese territory as a transversal vision of a multiple significance of behaviour in the iconography of natives, Romans, mystery cults and of Christianity itself.*

Interacções entre o sentido e a imagem do espaço sagrado na Antiguidade. Temenos – pomoerium – sanctuarium e sua relação com os ambientes funerários. A imagem de tanques rectangulares escavados em contextos rupestres: sepulcros ou tanques rituais de sacrifício, purificação e iniciação? Imagens desta realidade no território português como visão transversal de uma plurissignificante iconografia dos comportamentos indígenas, romanos, das religiões dos mistérios e do próprio cristianismo.

## IMAGENS DE ARQUITECTURAS:

### *Quadrata, Lacus e Laciculi nos santuários rupestres do período romano em Portugal*

M. Justino Maciel\*

Surgem no território português, especialmente na sua parte norte, correspondente à área de influência céltica, grandes rochedos apresentando cavidades de diferentes tamanhos e formas, que não raramente remontam já a épocas pré-históricas, como o atestam a existência, nessas rochas ou noutras próximas, de covinhas, decorações esquemáticas, serpentiformes e astrais. A existência de tanques quadrangulares de vários tamanhos, que inscrições rupestres associadas classificam de *quadrata*<sup>1</sup> (cavidades quadrangulares), *lacus*<sup>2</sup> (tanques ou lagos) e *laciculi*<sup>3</sup> (tanquinhos ou laguinhas), testemunham a romanização destes santuários em rochas ao ar livre e geram hoje interrogações sobre a imagem ou as imagens que temos deste tipo de arquitectura(s), no dinamismo interactivo de forma e função.

Esta problemática prende-se com o conhecimento da própria evolução dos comportamentos civilizacionais, com a vivência do território e com as imagens que se vão formando empiricamente como representações numéricas e geométricas. Quando no mundo indo-europeu se define o *pomoerium* ou espaço sagrado dos povoados, tal acarreta a ideia de que há um fora e um dentro, com espaços organizados e funcionais de um e de outro lado. A sucessão dos contextos civilizacionais, verificado um distanciamento no tempo, dá lugar a um desfasamento entre a imagem da forma e a imagem da função dos espaços delimitados em contextos históricos muito afastados, sendo necessário o recurso à leitura diacrónica com apoio na História e na História da Arte, na documentação escrita, nas inscrições epigráficas e na arqueologia dos lugares para restabelecer o código de comunicação.

---

\* Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

1 Inscrição de Panóias: Ver nota nº. 24.

2 Inscrição de Panóias: Ver nota nº. 26.

3 Inscrição de Panóias: Ver nota nº. 24.

Como o adjetivo *rupestre* indica, estamos em presença de espaços sagrados caracterizados por se identificarem com grandes afloramentos rochosos, penedos ou fragas conotados com divindades veneradas pelos povos indígenas e que os romanos já encontraram como lugares de culto, entretanto celticizados, aceitando-os e englobando-os no processo de aculturação por eles provocado. Nestes espaços surgem com frequência covas de plano rectangular que os estudiosos classificam ora de sepulturas, ora de tanques sacrificiais. O entendimento claro da sua função pressupõe o conhecimento histórico dos comportamentos culturais e da sua evolução específica. Refiramos apenas que um tanque de perfeita planta quadrangular escavado num duro rochedo granítico pressupõe o conhecimento das técnicas de cantaria, no contexto do chamado *opus quadratum*, ou seja, com ângulos rectos verificados a esquadro e o uso de cinzel, instrumentos que só viriam a ser introduzidos pelos romanos no nosso território, embora se verificasse já o uso do ferro trazido pelos celtas de La Tène.

Quer os celtas, quer os romanos, usavam a cremação dos cadáveres e sabemos histórica e arqueologicamente que não depositavam as cinzas em espaços escavados em rochedos. A prática da inumação, por sua vez, é incrementada por influência judeo-cristã e por outras religiões orientais e nunca era feita, respeitando as tradições indo-europeias, dentro do *pomoerium* ou espaço sagrado da cidade, do templo ou do santuário. Dada a indubitável localização temporal dos tanques rupestres na época celta-romana, e paleocristã, deduzimos que eles não podem ser sepulturas mas outra coisa. Quando, de facto, o são, ou foram reutilizados numa época cristã já avançada ou foram talhados com feição antropomórfica num espaço sacralizado pela nova religião, associados a construções cristãs, como basílicas funerárias, capelas ou igrejas. Vejam-se os casos das sepulturas antropomórficas escavadas nas penedas de Donões (Montalegre), nas imediações do Castro do mesmo nome e tendo junto a Capela de Santo Amaro, assim como, na Freguesia de Montalegre, mas em lugar montanhoso, as que se encontram no adro da Capela de Santo Adrião. Mais a sul, idênticas sepulturas nos afloramentos xistosos do adro da Igreja pré-românica de Lourosa (Oliveira do Hospital), como exemplo entre muitos que poderíamos apontar<sup>4</sup>.

---

4 É possível aqui a reutilização de um local sagrado pré-cristão. Uma cavidade arredondada com sulcos envolventes e divergentes poderá ter sido adaptada a um pequeno baptistério, numa altura – época moçárabe – em que se ensaiava a adaptação do baptismo de adultos à quase exclusiva

Não havendo dúvidas de que estes tanques, reportados ao mundo celtico-romano, tinham uma função ritual, levanta-se a questão dos *sanctuaria* em que se integravam. Este termo é romano e deriva de *sanctus*, palavra que significava sagrado e inviolável. O *sanctuarium* era, assim, um lugar delimitado que tradicionalmente se associava à divindade. No território português essa localização do sagrado, como dissemos, remontava já a épocas anteriores ao domínio romano e os rituais aí observados sofreram uma complexificação de acordo com a evolução dos comportamentos sociais, culturais e religiosos desde a pré-história até ao advento do cristianismo.

A ideia de *sanctuarium* associa-se à de *temenos* e à de *templum*. O *temenos* reporta-se mais ao contexto grego, significando a delimitação ou corte de um espaço que é reservado à relação do homem com a divindade. O *templum* acusa etimologicamente a mesma origem, mas o termo é já etrusco-romano, significando inicialmente o recinto sagrado delimitado pelos áugures, seja para a sua actividade divinatória, seja para os rituais de sacrifício. Como este recinto era normalmente marcado pela construção de um edifício sagrado (*aedes*), metonimicamente a palavra *templum* passa a significar o edifício e não o espaço delimitado em que foi construído.

Parece-nos importante clarificar estes conceitos, pois os santuários rupestres pré-romanos e romanos eram ao ar livre e notamos que no período romano se verificou uma tendência para os enquadrar dentro ou entre construções mais ou menos influenciadas pela arquitectura clássica. Por exemplo, a chamada Fonte do Ídolo, em Braga, santuário rupestre a uma ou duas divindades indígenas, foi romanizada não só através do tipo de inscrição que aí foi gravada mas também por ter sido esculpido no rochedo o frontispício de um templo romano<sup>5</sup>.

O primeiro exemplo que gostaríamos de apresentar é o de um *quadratum* existente numa área com bastantes testemunhos da cultura dita castreja, designadamente um *laconicum* do tipo *Pedra Formosa*, em torno do chamado Monte da Saia, no concelho de Barcelos (ver fig<sup>a</sup>. pág.24). Este tanque

---

aplicação deste ritual a crianças, concluída que foi a cristianização de toda a sociedade na época visigótica. Passa-se então da piscina profunda com degraus para imersão à pia baptismal de dimensões reduzidas.

5 A. Tranoy, A "Fonte do Ídolo", in *Loquuntur Saxa, Religiões da Lusitânia*, Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, pp. 31-32.

ou *lacus*, conhecido como Campa dos Mouros<sup>6</sup>, encontra-se aberto ao centro de um grande rochedo, no sentido este-oeste, na Freguesia de Monte Fralães, com as dimensões de 230x72x55cm respectivamente de comprimento, largura e profundidade. Guarda em volta uma moldura de 9 cm para apoio de tampa. Para entendermos a funcionalidade deste tanque exige-se o conhecimento de outras situações idênticas. Na zona apareceu uma inscrição referindo um soldado romano chamado *Aurelius*<sup>7</sup> e dois baixos-relevos representando um togado e uma figura de sacrificante segurando a cabeça de um touro<sup>8</sup>.



*Pias dos Mouros*, Argeriz, Valpaços. © Fotografia do autor.

O segundo exemplo são dois quadrata conhecidos como Pias dos Mouros, na freguesia de Argeriz, concelho de Valpaços, também relativamente

6 A Nossa Terra, Barcelos-Freguesias, Barcelos, 1999, p. 124, com fotografia.

7 M. Cardozo, Catálogo do Museu de Martins Sarmento, Secção de epigrafia latina e de escultura antiga, 3<sup>a</sup> ed., Guimarães, 1985, p. 85.

8 *Idem*, p. 159. De Frende (Baião) é proveniente um baixo-relevo onde também se vê uma cena de procissão para um sacrifício: duas personagens, uma delas togada, conduzem um touro em atitude ritual (*Idem*, p. 150, cópia em gesso de original hoje no Museu Nacional de Arqueologia). Vd. J. L. Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, 1913, pp. 482-483, fig. 254). Outros dois baixos-relevos

perto de um povoado pré-romano e romanizado, o chamado Castro de Ribas<sup>9</sup>. Aqui verifica-se a existência de dois tanques dispostos paralelamente, igualmente no sentido nascente-poente, um mais comprido do que o outro. O maior mede 250x62x30cm e o menor 202x60x33cm. Não se registam aqui molduras indicadoras de aplicação de tampa mas, em contrapartida, o rochedo em que se encontram escavados apresenta aos lados, paralelamente, rebaixamentos cortados a cinzel. Estes têm sido interpretados como escadas de acesso<sup>10</sup>, mas na realidade serão encaixes para o apoio horizontal de *opera quadrata*, silhares cantariados de um *aedes* ou edifício sagrado que, na época romana, ali teria sido construído para melhor delimitação do *templum* ou temenos do santuário<sup>11</sup>.

O terceiro exemplo que escolhemos por ordem de importância, significado e contributo para a percepção da funcionalidade destes *lacus rupestres* é o santuário da Mogueira, localizado numa alcantilada e rochosa colina sobranceira ao rio Douro, na freguesia de São Martinho de Mouros, concelho de Resende. Tem sido considerado um castro mas, de facto, todo o conjunto é um enorme *locus sacer* com entalhes, banquetas, degraus, altares, covas e covinhas, pequenos tanques e mesmo um túnel que leva a um espaço subterrâneo que lembra os antros de iniciação mitraicos. Parece tornar-se aqui clara a evolução destes espaços sagrados



Mogueira, São Martinho de Mouros, Resende.  
Acesso a zona subterrânea. © Fotografia do autor.

---

encontrados na mesma área de Frende mostram-nos uma dança ritual e uma cena de luta, sendo de aceitar que se enquadrão no mesmo contexto. Frende encontra-se na margem norte do rio Douro e não longe de santuários rupestres como é o caso do da Mogueira, de que falaremos abaixo, na margem sul do mesmo rio (J.L.Vasconcelos, *op. cit.*, pp. 474-477, figs. 251 e 252).

- 9 A.M.Freitas, As pias dos Mouros, Argeriz, Carrazedo de Montenegro, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Porto) 23 (1978) 253-266.
- 10 A.Tranoy, Panórias ou les rochers des dieux, in *Conimbriga* (Coimbra) 43 (2004) 89.
- 11 A. Rodríguez Colmenero, Deorum Temene. Espacio sagrado y santuários rupestres en la Gallaecia romana. Un intento de clasificación, in *Arqueología da Antiguidade na Península Ibérica, Actas do III Congresso de Arqueología Peninsular*, VI, Porto, 2000, 167.

desde a Pré-História até à Antiguidade Tardia, com o incremento das religiões indígenas, romanas e orientais. A informação do geógrafo grego Estrabão, nos inícios do séc. I da nossa era, de que eram sacrificadas hecatombes ao deus Ares/Marte pelos povos montanheses do Noroeste encontra aqui possível infra-estrutura material, dados os espaços alargados onde se talharam a picão banquetas, escoadouros e até argolas de pedra na rocha. Os tanques não são dominantes na Mogueira, mas são significativos e, pela sua forma não totalmente quadrata, indicadores de uma romanização mais antiga, mas já apresentando indícios de molduras para tampa e entalhes para grelhas de queima nos sacrifícios. Uma entre outras inscrições rupestres do séc. I. d.C. informa-nos do culto local ao deus *Cat(urus)*, que teria uma característica guerreira semelhante ao de Ares/Marte<sup>12</sup>. Na Mogueira, com efeito, parecem sentir-se os espaços do ritual seguido pelos povos castrejos do noroeste hispânico, de acordo com as palavras de Estrabão: *Comem principalmente cabrito, e imolam a Ares um bode, assim como prisioneiros e cavalos. Fazem também hecatombes por cada espécie, à moda dos gregos, como diz Píndaro: sacrificar tudo às centenas*<sup>13</sup>. Este autor identifica o deus Ares. A inscrição rupestre da Mogueira referirá o deus *Caturus*, divindade indígena com características idênticas. O elo de ligação estará na ancestralidade comum de celtas, gregos e romanos no mundo indo-europeu. A associação do deus romano Marte a divindades celtas verificou-se também nas Gálias. Júlio César diz-nos que os Gauleses sacrificavam *animalia* (seres vivos) a Marte<sup>14</sup>. Os sacrifícios de prisioneiros são também documentados em outros pontos do mundo celta, como aqueles que eram feitos a Esus/Marte<sup>15</sup>. No território transmontano, em Ousilhão (Vinhais), no contexto do castro local (Torre) está documentada uma ara ao deus *Laesus*<sup>16</sup>, nome cuja semelhança com Esus poderá, a nosso ver, enquadrar-se na mesma *interpretatio*.

12 V. Mantas, A inscrição rupestre da Estação Luso-Romana da Mogueira (Resende), in *Revista de Guimarães* (Guimarães) 94 (1984) 369.

13 F. Lasserre, *Strabon, Géographie*, Tome II (Livres III et IV), Paris, Les Belles-Lettres, 1966, p.57. Em nota, F. Lasserre sugere que Estrabão veicula aqui, ao pôr em paralelo costumes lusitanicos e gregos, informações provenientes de Asclepíades de Mirleia. Texto grego: Τραγοφαγούσι δὲ μάλιστα, καὶ τῷ Ἀρεὶ τράγον θύουσι καὶ τοὺς αἰχμαλώτους καὶ ἵππους· ποιοῦσι δὲ καὶ ἑκατόμβας ἐκάστου γένους Ἑλληνικῶς, ὡς καὶ Πινδαρός φησι πάντα θύειν ἑκατόν (Trad. nossa).

14 *De Bello Galico*, VI, 17.

15 E. Thevenot, La pendaison sanglante des victimes offertes à Esus-Mars, in *Hommages à Waldemar Deonna, Latomus* (Bruxelles) 28 (1957) 442-449.

16 A. Redentor, *Epigrafia romana da região de Bragança*, Lisboa, 2002, pp. 56-57.



Fragas de Panóias, Valnogueiras, Vila Real. Escadas de acesso ao *Sanctuarium*. © Fotografia do autor.

Todavia, o exemplo mais claro – e que nos ajuda a entender os já referidos, assim como outros menos estudados e conhecidos – é o das Fragas de Panóias, santuário rupestre existente na freguesia de Valnogueiras, Vila Real de Trás-os-Montes, não só pela convergência das imagens dos *lacus* com as informações veiculadas pelas inscrições existentes na própria rocha, como também por estas referirem explicitamente deuses indígenas, deuses romanos e um deus ligado às religiões orientais, Serápis, que mais não é do que uma versão helenística do deus egípcio Osíris<sup>17</sup>. Este santuário é já conhecido desde o século XVIII, através do Pároco local, António Rodrigues de Aguiar<sup>18</sup> e do historiador Jerónimo Contador de Argote<sup>19</sup>, que nos deram conta das inscrições existentes junto a um conjunto impressionante de tanques com marcas de entalhes para escoadouros, colocação de tampas, montagem de grelhas e embasamento de construções ou templos (*aedes*). Parte dessas inscrições, em latim e em grego, ainda hoje se podem observar no local e dão-nos conta de que, existindo já há muito tempo este santuário, o mesmo

17 R. Turcan, *Rome et ses dieux*, Paris, 1998, p. 181.

18 A. R. Aguiar, *Relação da Freguesia de São Pedro de Valnogueiras*, 1721, Manuscrito da Biblioteca Nacional publicado por A. Rodríguez Colmenero, *O santuário galaco-romano de Panóias (Vila Real, Portugal). Novos dados para a sua reinterpretação global*, Santiago de Compostela, 1999.

19 J.C. Argote, *Memórias para a história eclesiástica do arcebispado de Braga*, I, Lisboa, 1732, pp. 352 ss.

foi visitado nos finais do séc. II d.C. ou princípios do séc. III d.C., ou seja, já no dealbar da Antiguidade Tardia, por um legado imperial talvez deslocado à região para inspecionar a produção mineira<sup>20</sup>. Este legado, chamado *Caius C. Calpurnius Rufinus*, reconhecendo a importância religiosa do local, mandou gravar nas pedras, com o seu nome, a descrição dos ceremoniais que ali tradicionalmente se cumpriam, tendo aprofundado a sua romanização através da clarificação e ordenação desses ritos, designadamente sob a nova égide dos deuses orientais e com possível construção de um ou mais edifícios sagrados (*aedes*), cobrindo o anterior santuário ao ar livre, como o parecem demonstrar algumas marcas escavadas na rocha.



Fragas de Panóias, Valnogueiras, Vila Real. Tanques do *Sanctuarium*. © Fotografia do autor.

As inscrições referem-se às divindades ali veneradas: os *dii et deae*, ou seja, os deuses e as deusas em geral e, depois, os *numina* ou divindades protectoras dos Lapítas, entendendo-se estes como os povos indígenas da zona: *Aos deuses, às deusas e a todos os numes dos Lapítas, o claríssimo varão*

---

20 A. Tranoy, *op. cit.*, pp. 89-90.

*Gaio C. Calpúrnio Rufino consagrou, com este templo, um tanque eterno, no qual se queimam as vítimas em cumprimento de voto<sup>21</sup>.*

Noutra inscrição, em grego, mas assinada em latim com o nome do dedicante, refere-se Serápis, deus egípcio protector dos mortos, a quem é oferecida uma cavidade com grelha (*gastra*) para queima dos animais sacrificados: *Gaio C. Calpúrnio Rufino, varão claríssimo, consagrou ao mui alto Serápis com uma cavidade e mistérios<sup>22</sup>*.

Uma terceira epígrafe refere os deuses severos, qualificação que dizia respeito aos também deuses infernais Plutão e Prosérpina: *Gaio C. Calpúrnio Rufino, varão claríssimo, consagrou neste recinto um templo aos deuses severos aí colocados<sup>23</sup>*.

Ainda outra documenta-nos sobre o desenrolar do ceremonial, sendo o mais explícito texto sobre os ritos seguidos e sobre a funcionalidade dos vários tipos de tanques sacrificiais: *Aos deuses e deusas deste espaço sagrado. As vítimas, que caem mortas, aqui são imoladas. As entradas são queimadas dentro dos reservatórios quadrangulares (quadrata) que se encontram em frente. O sangue derrama-se sobre os pequenos lagos (laciculi) próximos. Gaio C. Calpúrnio Rufino<sup>24</sup>*.

Um quinta inscrição como que remata o fim do ritual ali cumprido, apontando para uma purificação dos iniciandos nos Mistérios que ali teriam lugar. No *lacus* próximo desta inscrição os sacrificantes lavavam-se e limpavam-se do fumo, do sangue e da gordura das vítimas<sup>25</sup>: *Com este (templum) Gaio C. Calpúrnio Rufino, varão claríssimo, consagrou aos deuses um tanque (lacus) no qual, segundo o ritual, se faz a mistura<sup>26</sup>*.

Estas epígrafes, indicando um caminho ou *Via Sacra*, com várias etapas para cumprimento de rituais, dão-nos conta do percurso seguido entre tanques no *sanctuarium* rupestre de Panóias. Dada a referência a Serápis, há mesmo

21 G. Alföldy, Die Mysterien von Panóias (Vila Real, Portugal), in *Madridrer Mitteilungen* (Mainz) 38 (1997) 176-246. G. Alföldy, Panóias: O santuário rupestre, in *Loquuntur Saxa, Religiões da Lusitânia*, Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 212: *Diis deabusque aeternum lacum omnibusque numinibus et Lapitearum cum hoc templo sacravit G(aius) C(...) Calp(urnius) Rufinus u(ir) c(larissimus). In quo hostiae uoto cremantur.*

22 *Ibidem: Υψίστῳ Σεράπιδι σὺν γάστραφαι καὶ μυστορίοις G(aius) C(...) Calp(urnius) Rufinus u(ir) c(larissimus).*

23 *Ibidem: Diis Seve(r)is in hoc templo lo[ca]t[i]s aedem G(aius) [C...] C]alp(urnius) Rufinus u(ir) [c(larissimus)].*

24 *Ibidem: Diis deabusque templi huius. Hostiae, quae cadunt, hic immolantur. Exta intra quadrata contra cremantur. Sanguis laciculis iuxta superfunditur. [G(aius) C(...) Calp(urnius) Rufinus u(ir) c(larissimus)].*

25 *Ibidem.*

26 *Ibidem: Diis cum hoc et lacum, quo uoto miscetur, G(aius) C(...) Calp(urnius) Rufinus u(ir) c(larissimus).*

quem pense estarmos em Panóias perante um templo a esta divindade, ou seja, perante um *Serapeum*<sup>27</sup>. Pelo menos, nisso o teria transformado o senador Gaio Calpúrnio Rufino no início da Antiguidade Tardia. A confirmar-se a existência de um túnel visível ainda no séc. XVIII, segundo o testemunho do Pároco de Valnogueiras<sup>28</sup>, seria mais clara a hipótese de aqui se terem celebrado iniciações aos mistérios serapaicos, assim como isíacos e mesmo mitraicos<sup>29</sup>.

Os testemunhos de Panóias permitem-nos lançar um pouco mais de luz sobre o grande número de tanques de diferentes formas que nos surgem escavados nas penedas de vários pontos do nosso território desde o Minho e Trás-os-Montes até ao Alto Alentejo<sup>30</sup>. Lugares há em que não há tanques mas inscrições significativas que convergem com outras informações. Recordemos a inscrição rupestre do chamado Cabeço de Frágua, Pousafóles, Sabugal: *Uma cordeira para Trebopala e um porco para Laebus, uma vitela para Iccona Loimina, uma ovelha de um ano para Trebaruna e um touro de cobrição para Reva Tre...*<sup>31</sup>. Nesta inscrição ressalta a correlação estreita entre os sacrifícios indígenas e a

27 S. Lambrino, Les divinités orientales en Lusitanie et le sanctuaire de Panóias, in *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal* (Coimbra) 17 (1953) 108-115.

A. Rodríguez Colmenero, Deorum Temene..., op. cit., pp. 188-189.

G. Alföldy, Die Mysterien..., op. cit., 197-200.

28 Vd. nota 18.

29 A. Rodríguez Colmenero, op. cit., pp. 191-194.

30 O ponto mais a sul do território português onde podemos observar a existência de *lacus* situa-se hoje, tanto quanto é do nosso conhecimento, nas margens da Barragem do Caia, na Herdade da Lentisca ou da Rocha, freguesia de Santa Eulália (Elvas), onde existe um tanque, também com reborde para tampa e/ou para uso de grelha, a algumas dezenas de metros das ruínas da Capela de Santa Catarina (Fig. da pág. 36). Nestas ruínas, na zona do altar, foi encontrada uma ara com inscrição a Belona, dos princípios do séc. I d.C., que, a nosso ver, poderá relacionar-se com o ritual dos *lacus* (T.D.Macié, M.J.Macié e J. d'Encarnação, Ara a Belona, de Santa Eulália (Elvas), in *Ficheiro Epigráfico* (Coimbra) 46 (1994) 207. O dedicante desta ara, chamado *Valgius*, como denota o seu nome, é um indígena. Poderemos, pois, estar aqui também perante a continuidade de cultos pré-romanos. O culto à deusa da guerra *Ma Belona*, que não parece integrar-se nos rituais dos mistérios, encontra-se documentado na Península Ibérica praticamente apenas na região de Cáceres, sendo esta inscrição a primeira encontrada no território português a esta deusa, podendo dizer-se que também foi encontrada próxima daquela região. Tem-se colocado igualmente a hipótese da sua associação a uma divindade indígena (J. Alvar, Cultos orientais e mistéricos na província da Lusitânia, in *Loquuntur Saxa, Religiões da Lusitânia*, Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 208).

31 F.P. Curado, A “ideologia tripartida dos Indo-europeus” e as religiões de tradição paleohispânica no Ocidente Peninsular, in *Loquuntur Saxa, Religiões da Lusitânia*, Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 71: *Oilam Trebopala indi porcom Laebo, comaiam Iccona Loiminna, oilam usseam Trebarune indi taurom ifadem Reue Tre...*



Penascrita, Vilar de Perdizes, Montalegre. Altar rupestre. © Fotografia do autor.

prática do *suouetaurilium* – sacrifício triplo de um porco, uma ovelha e um touro – por parte dos romanos, denotando o tronco comum indo-europeu.

Igualmente significativa é a inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire, Viseu) em que se refere a oferta de um cordeiro e de um porco a uma divindade indígena<sup>32</sup>. Também poderíamos descortinar a proximidade de inscrições votivas em aras e altares dedicados a numes autóctones com a existência de santuários rupestres. O constatar de divindades conotadas com as montanhas, com as águas, fontes, rios e fragas também não raro se conota com santuários, como é o caso da chamada Penascrita, em Vilar de Perdizes (Montalegre), onde um altar rupestre com indícios de inscrições e pequenas cavidades se conotará com o deus da montanha local, *Laraucus*, que deu o nome à Serra do Larouco<sup>33</sup>.

O culto das rochas e dos penedos é referido ainda numa fase adiantada da cristianização, no séc. VI, por São Martinho de Dume, que no seu *De*

32 *Idem*, p. 73.

33 A. Rodríguez Colmenero e A. L. Fontes, El culto a los montes entre los Galaico-romanos, in *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, III, Guimarães, 1980, pp. 21-35.



Herdade da Lentisca ou da Rocha, Santa Eulália, Elvas. Tanque sacrificial possivelmente connotado com o culto a *Belona*. © Fotografia do autor.

*Correctione Rusticorum* critica os sacrifícios nos altos montes e nos bosques frondosos<sup>34</sup>, assim como a erecção de altares aos deuses onde lhes sacrificavam sangue, não só de animais como até de homens, acreditando presidirem aos rios, às fontes ou às florestas<sup>35</sup>. Diz-nos ainda este bispo do Norte de Portugal e

34 De *Correctione Rusticorum*, 7: *Ut in excelsis montibus et in siluis frondosis sacrificia sibi offerrent.*

35 Idem, 8: *Et aras illis constituerent, in quibus non solum animalium sed etiam hominum sanguinem illis funderent. Praeter haec autem multi daemones ex illis qui de caelo expulsi sunt aut in mare aut in fluminibus aut in fontibus aut in siluis president...*

Apóstolo dos Suevos que, no seu tempo, se acendiam velas junto de penedos, de árvores, de fontes e nas encruzilhadas dos caminhos<sup>36</sup>.



Barragem do Caia, Santa Eulália, Elvas. *Lacus* possivelmente conotado com o culto a *Belona*, junto a estruturas romanas. © Fotografia do autor.

Poderíamos alargar esta nossa abordagem a outros locais e monumentos, nos quais constatamos *in genere* que os romanos já encontraram esta tipologia de temenos sagrado quando chegaram ao nosso território. A referência de Estrabão, no início da nossa era, às hecatombes como forma de sacrifício celebrada pelo povos do Noroeste ajuda-nos a enquadrar estes espaços, em paralelo com as informações provenientes da epigrafia, designadamente aquela que nos fala da imolação de porcos, ovelhas e touros, onde vemos a comum origem indoeuropeia de celtas, gregos e romanos. Permitimos mesmo recuar mais um pouco no tempo e recordar a prática do *Samain* por parte dos povos celtas, festa contínua em honra do deus *Cernunnus*

<sup>36</sup> Idem, 16: *Nam ad petras et ad arbores et ad fontes et per triuia cereolos incendere, quid est aliud nisi cultura diaboli?* (Texto e tradução in M.J.Macié, Texto sobre credices, ontem, por São Martinho de Dume, in Actas do III Encontro sobre História Dominicana, II, Arquivo Histórico Dominicano Português, IV/2, Porto, 1989, pp.309-320).

Vd. M.J.Macié, O “De Correctione Rusticorum” de São Martinho de Dume, Sep. de Bracara Augusta, Braga, 1980, p. 72.

comemorando o solstício de Inverno com o abate e consumo da maioria das reses criadas durante o ano, deixando apenas aquelas que seriam necessárias ao renovamento dos rebanhos no ano seguinte<sup>37</sup>. Nesta festa que, praticamente, durava até à Primavera, eram venerados os deuses correspondentes à ideologia das três funções, adstritos respectivamente à religião, à defesa e à economia das populações. É possível associar deuses indígenas dos povos hispânicos, cujo nome nos chegou através da epigrafia da época romana, a cada uma destas funções. É neste contexto em evolução sob o domínio romano que nos surgem imagens de *quadrata*, *lacus* e *laciculi* que hoje necessitam de investigação para entendimento da correspondência entre a sua forma e a sua funcionalidade.

## BIBLIOGRAFIA

- A. R. Aguiar, *Relação da Freguesia de São Pedro de Valnogueiras*, 1721, Manuscrito da Biblioteca Nacional.
- G. Alföldy, Die Mysterien von Panóias (Vila Real, Portugal), in *Madritter Mitteilungen* ( ) 38 (1997) 176-246.
- J. Alvar, Cultos orientais e mistéricos na província da Lusitânia, in *Loquuntur Saxa, Religiões da Lusitânia*, Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, pp. 205-210.
- G. Alföldy, Panóias: O santuário rupestre, in *Loquuntur Saxa, Religiões da Lusitânia*, Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, pp. 211-214.
- J. C. Argote, *Memórias para a história eclesiástica do arcebispado de Braga*, I, Lisboa, 1732.
- M. Cardozo, *Catálogo do Museu de Martins Sarmento, Secção de epigrafia latina e de escultura antiga*, 3<sup>a</sup> ed., Guimarães, 1985.
- F. P. Curado, A "ideologia tripartida dos Indo-europeus" e as religiões de tradição paleohispânica no Ocidente Peninsular, in *Loquuntur Saxa, Religiões da Lusitânia*, Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, pp. 71-77.

37 M. J. Maciel, Da festa indo-europeia à festa transmontana: o uso da máscara na comemoração do solstício de Inverno, in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Lisboa)* 17 (2005) 183-208.

- A. M. Freitas, As pias dos Mouros, Argeriz, Carrazedo de Montenegro, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Porto) 23/II-III (1978) 253-266.
- S. Lambrino, Les divinités orientales en Lusitanie et le sanctuaire de Panóias, in *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal* (Coimbra) 17 (1953) 93-129.
- F. Lasserre, *Strabon, Géographie*, Tome II (Livres III et IV), Paris, Les Belles-Lettres, 1966.
- M. J. Maciel, Da festa indo-europeia à festa transmontana: o uso da máscara na comemoração do solstício de Inverno, in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* (Lisboa) 17 (2005) 183-208.
- M. J. Maciel, *O "De Correctione Rusticorum" de São Martinho de Dume*, Sep. de Bracara Augusta, Braga, 1980.
- M. J. Maciel, Texto sobre credices, ontem, por São Martinho de Dume, in *Actas do III Encontro sobre História Dominicana*, II, Arquivo Histórico Dominicano Português, IV/2, Porto, 1989, pp. 309-320.
- T. D. Maciel, M. J. Maciel e J. d'Encarnação, Ara a Belona, de Santa Eulália (Elvas), in *Ficheiro Epigráfico* (Coimbra) 46 (1994) 207.
- V. Mantas, A inscrição rupestre da Estação Luso-Romana da Mogueira (Resende), in *Revista de Guimarães* (Guimarães) 94 (1984) 361-370.
- A. Redentor, *Epigrafia romana da região de Bragança*, Lisboa, 2002.
- A. Rodríguez Colmenero, Deorum Temene. Espacio sagrado y santuarios rupestres en la Gallaecia romana. Un intento de clasificación, in *Arqueología da Antigüidade na Península Ibérica*, Actas do III Congresso de Arqueología Peninsular, VI, Porto, 2000, 153-195.
- A. Rodríguez Colmenero, O santuário galaico-romano de Panóias (Vila Real, Portugal). Novos dados para a sua reinterpretação global, Santiago de Compostela, 1999.
- A. Rodríguez Colmenero e A. L. Fontes, El culto a los montes entre los Galaico-romanos, in *Actas do Seminário de Arqueología do Noroeste Peninsular*, III, Guimarães, 1980, pp. 21-35.
- E. Thevenot, La pendaison sanglante des victimes offertes à Esus-Mars, in *Hommages à Waldemar Deonna, Latomus* (Bruxelles) 28 (1957) 442-449.
- A. Tranoy, A "Fonte do Ídolo", in *Loquuntur Saxa, Religiões da Lusitânia*, Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, pp. 31-32.
- A. Tranoy, Panóias ou les rochers des dieux, in *Conimbriga* (Coimbra) 43 (2004) 85-98.
- R. Turcan, *Rome et ses dieux*, Paris, 1998.
- J. L. Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, 1913.